

NARRAÇÃO: CONSTRUÇÃO DE QUEM FALA E À QUEM SE FALA.¹

JOANA ELISA RÖWER² - PPG-UFSM

JORGE LUIZ DA CUNHA³ - UFSM

Forças poderosas e estratégias insuspeitas redesenham, a cada dia que passa, nosso rosto incerto no espelho do mundo. Face à vertigem das mutações em curso sobretudo dessa matéria prima tão impalpável quanto incontornável a que chamamos de subjetividade, e a exemplo do que ocorreu desde a queda do muro de Berlim, não paramos de perguntar o que se passou, o que terá acontecido que de repente tudo mudou, que já não nos reconhecemos no que ainda ontem constituía o mais trivial cotidiano? Aumenta nosso estranhamento com as maneiras emergentes de sentir, de pensar, de fantasiar, de amar, de sonhar, e cada vez mais vemo-nos às voltas com imensos aparelhos de codificação e captura, que sugam o estofado do que constituía, até há pouco, nossa mais íntima espessura. (PELBART, 2000:11)

A citação de Pelbart retirada do livro “Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea” serve para realçar o processo de estranhamento que sentimos hoje dos valores, das condutas, dos ideais, dos pilares que sustentavam a modernidade. Crise da modernidade ou pós-modernidade, a atualidade na sua “consciência da transitoriedade dos acontecimentos históricos e na expectativa de outra configuração do futuro” (HABERMAS, 1987:103), busca compreender o que passou, o que está passando e o que virá. Se Giroux (1996) afirma que os debates sobre a pós-modernidade têm resultado mais em confusão e discórdia do que em consenso, talvez seja por que, conforme Arendt (2004), todos os processos históricos e seus significados só aparecem quando terminam, só são revelados através de um olhar retrospectivo.

Se a modernidade é caracterizada pelas certezas epistêmicas, pelas metanarrativas, por limites fixos para o conhecimento acadêmico, pelo uso da razão instrumental, da crítica, do conhecimento como possibilidade de transformação, pela crença na ciência, na liberdade e na autonomia, pelo domínio da natureza, por uma distinção entre baixa e alta cultura, pela percepção da história como processo unidirecional e como progresso; a pós-modernidade

¹ Trabalho desenvolvido no Núcleo de Estudo sobre Educação e Memória – CLIO/PPGE/CE/UFSM.

² Autora: Mestranda em Educação – PPGE/CE/UFSM.

está se constituindo em referência a descrença a certos elementos da modernidade e a ressignificação de outros. Descrença nas metanarrativas, no conhecimento baseado em princípios únicos, na totalidade e na visão linear da história, negação das cosmovisões, valorização da cultura de massa, popular e da arte folclórica, busca do espaço narrativo, plural, fluído (GIROUX, 1996), consciência da incerteza, do complexo e do caos, visão de conjunto, realização da autocrítica, busca do diálogo, da convivência, da solidariedade, da fraternidade.

Quebra das verdades absolutas e percepção da vida como possibilidades na construção de novas subjetividades. Subjetivação que é modelização e controle de comportamentos, sensibilidades, modos de perceber e significar (GUATTARI, 1999), é ordenação de condutas e de suas possibilidades e probabilidades, ou seja, é exercício de poder, mas que não existe “sem resistência, sem escapatória ou fuga, sem inversão eventual” (FOUCAULT, 1995:248). Há, porém, o risco de queda à uma inversão aparente possibilitada pela globalização e pela pulverização de identidades flexíveis (ROLNIK, 1997) que ilusionam o encontro de um eu pessoal. A emergência de sujeitos, definidos pela “vontade de um indivíduo de agir e de ser reconhecido como ator” (TOURAINÉ, 1997:220), frente a turbulência, torna-se possível pelo pensar-se, voltando-se o olhar sobre si, sobre a realidade e sobre a verdade (MORIN, 2002b).

Verdade que é paradoxal. Sentida como relativa, na medida, que surge de uma construção complexa e dialógica entre as possibilidades da percepção, da memória, da lógica, da reflexão crítica e o real e, biodegradável, por que só existe dentro de determinadas condições e limites de existência (MORIN, 1986). Verdade transitória que define a pós-modernidade, pela incredulidade, isto é, por uma incapacidade de acreditar.

Quiça esta relativização/contextualização das verdades contribua na intensificação da experiência de uma subjetividade privatizada, característica da constituição do sujeito moderno, manifestada pela individualização ao priorizar a liberdade, mas que resulta no “esfacelamento das habilidades de sociabilidades” (BAUMAN, 2004) e na “corrosão e lenta

³ Orientador: Prf. Dr. Phil do Departamento de Fundamentos da Educação – UFSM.

desintegração da cidadania” (BAUMAN, 2001). Embora conviva, ou mesmo, seja decorrente desta exacerbação da autonomia, da liberdade individual, uma necessidade de comunidade, de cooperação e diálogo, os homens e as mulheres contemporâneos são marcados por um estilo de vida consumista que reifica as relações humanas. “Em outras palavras, laços e parcerias tendem a ser vistos e tratados como coisas destinadas a serem consumidas, e não produzidas; estão sujeitas aos mesmos critérios de avaliação de todos outros objetos de consumo” (BAUMAN, 2001:187).

Se os vínculos estabelecidos são governados pelo mercado, avaliados pela dicotomia satisfação ou não satisfação dos desejos individuais, os sentidos e as relações de trabalho também se transmudam em direção a um domínio que não os contempla com um “significado mais do que episódico” (BAUMAN, 2003:47). Ainda que, no capitalismo, o tempo de trabalho se misture ao tempo da vida, ou seja, há uma interpenetração entre vida e trabalho (PELBART, 2000), o que pode vir à favorecer a coexistência de vidas sem sentido pelo trabalho e de vidas que buscam um sentido por esta mesma via.

A necessidade da fluidez não se desvincula da efemeridade e da instantaneidade que caracteriza o que é ser moderno:

Ser moderno passou a significar, como significa hoje em dia, ser incapaz de parar e ainda menos capaz de ficar parado. Movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo “adiamento da satisfação”, como sugeriu Max Weber, mas por causa da *impossibilidade* de atingir a satisfação: o horizonte da satisfação, a linha de chegada do esforço e o momento da autocongratulação tranqüila movem-se rápido demais. A consumação está sempre no futuro, e os objetivos perdem sua atração e potencial de satisfação no momento de sua realização, se não antes. Ser moderno significa estar sempre à frente de si mesmo, num Estado de constante transgressão (...), também significa ter uma identidade que só pode existir como projeto não realizado. (BAUMAN, 2001:37)

Nesta perspectiva, em que novas e múltiplas percepções, práxis e sensibilizações resultantes da globalização e da produção da subjetividade capitalista invadiram as esferas mais íntimas da vida humana, finalizando com a cisão entre vida comum e vida particular é que questiona-se sobre a construção do desejo de sujeitos docentes. Desejos que

construídos através do vivido e das memórias realizam-se, ou não, em contextos descompassados, na medida, que o aprendido e o significado transfiguraram-se. Desejos que na efemeridade, na rapidez e sob a oferta constante de múltiplas possibilidades de gozo, de uma variabilidade de imagens a que se quer e se procura sentido, transformam-se em igual velocidade, não permitindo a satisfação ou, ainda, o não reconhecimento de um desejo, enfim, concretizado.

O capitalismo promove além de uma sujeição econômica, uma sujeição subjetiva por meio da cultura de massa. Essa produção da subjetividade que ocorre tanto a nível social quanto individual provoca uma produção da subjetividade inconsciente que impede o desenvolvimento de processos de singularização. Embora este seja possível através do reconhecimento de gostos e modos de viver resistentes a esta cultura de massa, a tentativa de singularização é uma encruzilhada, na medida que, desejos, que a princípio expressariam o que há de mais singular, também podem estar sujeitados a produção capitalista. (GUATTARI, 1999).

A ordem capitalista penetra no que é considerado o mais íntimo e particular, se projetando na realidade do mundo e na realidade psíquica; no modo de perceber a si mesmo, o outro e o mundo, nas relações humanas e nas representações inconscientes; manipula a memória e delimita a imaginação e o desejo, classificando e enquadrando comportamentos que até não havia previsto e empobrecendo os processos de singularização. A dificuldade de singularizar-se também decorre do fato, de que, as subjetividades produzidas que derivam da produção social e material, ocorrem de forma coletiva, mas são assumidas e vividas particularmente (GUATTARI, 1999).

Contudo, a atualidade marcada por uma subjetividade produzida que delimita e possibilita modos de ser, pensar, sentir e perceber está se constituindo pela incerteza, em que “projetos de vida individuais não encontram nenhum terreno estável em que acomodem uma âncora” (BAUMAN,1998:32). Estes novos sentimentos de incredulidade e incertezas, que se referem à “futura configuração do mundo, a maneira correta de viver nele e os critérios pelos quais julgar os acertos e os erros da maneira de viver” (BAUMAN, 1998:32) e

cujas superações não são percebidas em um futuro, (re)significam a função da memória, haja vista, que os modos aprendidos configuram-se como insuficientes ou inadequados para lidar com os afazeres do presente.

Lembrar é muito mais uma atividade do presente do que apenas deslocar para o presente fatos já vividos. Rememorar não é o mesmo que viver novamente o passado, pois depende da releitura do sujeito que a produz, numa sociedade que se diferencia daquela à qual se refere a lembrança. (LUCENA, 1999:81)

É sob esta perspectiva e por meio da narrativa, caracterizada pela re-elaboração das vivências e memórias, permeadas pelas significações sociais e por novas experiências individuais, que expressa o entrecruzamento entre o passado e o presente (MAGALHÃES, 2001), que busca-se compreender os desejos dos sujeitos docentes. Esta característica da narração, não é somente limite, mas também possibilidade ao permitir entender a consciência de si como trespassada por uma multiplicidade de elementos não fixos, proporcionando a compreensão da subjetividade do outro e, assim, produzindo conhecimento.

A narrativa como expressão da memória que imprime identidade e alteridade, constituída por falas e silêncios que significam é construção dinâmica e singular, ocorrendo por processos de interpretações ou transformações das lembranças, das memórias, reveladas pela linguagem e reguladas pelas emoções, pelos estados de ânimo, pelos contextos diversos no qual se evocam as memórias e pela relação com um outro diferenciado e diferenciador. E é na peculiaridade deste diálogo que se possibilita também a (re)elaboração de uma identidade que a sociedade “pós-moderna” permite ser fluída.

A memória que é interpretação do vivido, que pela atribuição de sentido torna-se lembrança, sofre nova interpretação ao ser narrada. Interpretação que justifica/explica o tempo presente, a ação e o desejo que é potencialidade para um futuro imaginado. A narrativa, dessa forma, passa a ser percebida como sendo uma interpretação da interpretação. Embora seja a possibilidade é pretenciosa a intenção de definição do presente pelas lembranças, pelo narrado, pois a fluência dos nossos movimentos se dá no

entrelaçamento não só do que conhecemos, mas também, do irreconhecível e do caos, que escapou a delimitação da linguagem. Mas, a compreensão do outro requer uma auto-compreensão. Assim, pela realização de entrevistas abertas discute-se o vínculo estabelecido entre narrador e pesquisador, pois, a narração se constrói na relação com um outro diferenciado e diferenciador, referindo-se ainda ao componente imaginativo que pode vir impresso na fala.

Nesse vai-e-vem entre presente e passado, o relato de vida é sempre uma interpretação atual dos fatos passados. Nessa interpretação, memória e imaginação estão mescladas. (...) Uma e outra constituem a fusão da lembrança e da imagem. O depoente, ao desencadear o fluxo da memória, não consegue evitar as fantasias contidas na imaginação, lapsos, artifícios contidos em interpretações. (LUCENA, 1999:81)

Reflete-se, também, sobre o conjunto das memórias, que distinta em cada indivíduo, torna os seres humanos singulares, determinando a personalidade e as possibilidades de ser e fazer. “O passado, nossas memórias, nossos esquecimentos voluntários, não só nos dizem quem somos, mas também nos permitem projetar rumo ao futuro: isto é, nos dizem quem poderemos ser”(IZQUIERDO, 2002:9). Em meio a fragmentação, a fluidez, a efemeridade, a instantaneidade da sociedade contemporânea, esta pesquisa que encontra-se em fase de estruturação das entrevistas, questiona-se sobre as possibilidades, os limites e as conflitualidades dessa projeção do futuro e realização do desejo.

BIBLIOGRAFIA:

ARENDDT, Hannah. **A condição humana**. 10ª edição. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. 352p.

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

CASTELLS, Manuel. FLECHA, Ramon. FREIRE, Paulo, GIROUX, Henry. **Novas perspectivas em Educação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

FOUCAULT, Michel. “O sujeito e o poder”. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

GUATTARI, Félix. ROLNIK, Suely. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HABERMAS, Juergen. **A nova intransparência: a crise do estado de bem-estar social e o esgotamento das energias utópicas**. 1987

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar: (re)lembranças de migrantes**. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. Narradores: vozes e poderes de diferentes pensadores. In: **HISTÓRIA Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral**, n. 4, jun. 2001. – São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. v. 4; p.45-70.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. 30ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. **O método 1: a natureza da natureza**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

PELBART, Peter Pál. **Vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea**. São Paulo: Iluminuras, 2000.

ROLNIK, Suely. Toxicômanos de Identidade: subjetividade em tempo de globalização. In: LINS. Daniel S. (org.). **Cultura e subjetividade: Saberes nômades**. Campinas: Papyrus, 1997.

TOURAINE, Alain. **Crítica da modernidade**. 4ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997. 431p